Ano III — Azaruja, Setembro de 1933 — N.º 24

O MENSAGEIRO ESCOLAR

Publica-se em Azaruja

PEDAGOGIA — INSTRUÇÃO — EDUCAÇÃO — LITERATURA — NOTICIÁRIO LOCAL — PROPAGANDA CORTICEIRA

Alunos: Assinatura avulso $50	Setembro: Redacção Provisoria ERICEIRA	Chefe da Redacção Prof. Joana Apelino Gomes	DIRECTOR Prof. João Vicente de Oliveira Charrua	EDITOR Prof. ap-ao Felix de Carvalho Marquez	Comp. e Imp. Empresa Publicidade MARCO DE CANAVEZES	ASSINATURA Anual 10$00 N.º vulso 1$00

AVENÇADO

Não apoiado!

O professorado primário é o ferro frio onde malham todas as más vontades.

Isto é um principio geralmente seguido, geralmente praticado por toda a gente.

O *Diário Liberal* não quis constituir excepção, e armou também em martelo.

A propósito duma nota, que muito nos impressionou, do Conselho Superior de Instrução Pública, pregoutou o «Diário Liberal»:

De que servem os muitos e muitos milhares de contos, que se gastam anualmente com a instrução primária?

As escolas que temos espalhadas por êsse país fóra não têm valor real e servem apenas para ilustrar a paisagem?

Que fazem então por êsse Portugal fora êsses milhares e milhares de professores? Dormem? Desinteressam-se da sua profissão? Se o Estado lhes paga para ensinar e não ensinam e que epíteto devem ter?

Todas as atitudes que ataquem plenamente, totalmente, a classe do professorado primário, merecem a nossa reprovação; por conseguinte gritamos:

NÃO APOIADO!

Se o *Diário Liberal* não tivesse generalizado as suas preguntas, nós calar-nos-iamos, ou manifestariamos até a nossa concordância. Por querermos prestigiada a Escola Primária e não prestarmos solidariedade a certos burros, temos despertado algumas dúvidas, algumas más vontades.

Infelizmente a nossa atitude não tem sido bem compreendida, ou não tem havida a coragem de concordarem publicamente com ela. Mas um ou outro exemplo de burrice, de negligência, de abandono, (e tudo isso há no professorado primário, como há em qualquer outra classe) não podem macular todos os proficionais.

Assim, às preguntas do *Diário Liberal* respondemos:

Êsses milhares de professores apresentaram a exame do 2.º cêrca de 40 mil alunos e fizeram muitos milhares de passagens, criaram Caixas Escolares, organizaram festas, despertaram entusiasmo para com a Escola, fomentaram a beneficência infantil, adquiriram muito material escolar.

Houve neglicências, sim, talvez neglicências, abandonos e burrices, mas houve também, em quantidade muito superior, esfôrço, trabalho, abnegação, apostolado.

Não vemos necessidade, para se alcançar um determinado desiderato, de ofender e deminuir uma classe, que é trabalhadora e útil ao país.

Ao povo de Azaruja

Vou deixar o Escola de Azaruja. Porém, antes que a minha actividade profissional passe a exercer-se em E'vora, desejo apresentar ao povo de Azaruja, os meus despedimentos. Não individualizarei ninguém, no receio de que esqueça um nome, e surjam melindres que não estariam nos meus propósitos.

Durante três anos trabalhei em Azaruja, e, se a competência não foi demasiada, sei e afirmo, que em boa vontade ninguém me excederá; ninguém que venha de fora, ninguém que tenha nascido a dentro dêstes muros.

Sempre, sempre me encontram disposto a coadjuvar moral e materialmente qualquer iniciativa, a realizar todas as diligências, todos os pedidos, requeridos pelo progresso da terra. Nem sempre as minhas tentativas e as tentativas de quem me acompanhava, foram coroadas de êxito, mas a culpa não foi nossa.

Ninguém ignora o interêsse que me despertou Azaruja, e o calor e o entusiasmo que usava em tudo que lhe dizia respeito. Bastas vezes ai tive de falar, e sempre o fiz com calor embora sem eloqüência tentando transmitir aos outros os meus desejos e os meus entusiasmos.

Não consente o pouco espaço, que eu vá longe em considerações. Assim, algo prosaicamente, evitando frases sentimentais, aqui deixo os meus cumprimentos de despedida, solicitando a todos que mantenham e desenvovam o seu interêsse escolar. Em E'vora, os amigos, e alguns são bem dedicados, ter-me-ão sempre ao seu dispor.

O que eu senti por Azaruja não morre assim, não desaparece assim, repentinamente...

Setembro de 1933

J. V. de Oliveira Charrua

Transferência

Como noticiámos no número anterior, requereu a sua transferência mediante concurso para a escola Central de E'vora, o professer de Azaruja João Vicente de Oliveira Charrua.

A transferência foi publicada no «Diário do Govêrno» de 21 de agosto.

Em 15 de Setembro o lugar vago é posto a concurso, mas o novo proprietário do lugar só o ocupará, sob a forma temporária (só se torna definitiva ao de alguns anos de serviço) em 7 de Outubro de 1934.

A quem quer que seja que venha para Azaruja, exercer as suas funções de professor, desejamos muitas prosperidades. Aqui encontrará uma escola com muito bom material didáctico, adquirido nos últimos três anos, e mais de dois mil escudos na Caixa Escolar, fundada pelo professor Oliveira Charrua.

Azaruja, devido aos espectáculos infantis, às festas escolares, às exposições, a um constante espírito de carolice, conta um ambiente escolar digno de nota.

Fazemos votos para que o povo azarujense dispense o auxilio necessário ao novo professor, e lhe tribute a maior das considerações.

As nacionalidades e os povos, distinguem-se segundo o grau de consideração em que tiverem a Escola e o professor.

FLORBELA ESPANCA

SAÜDADES

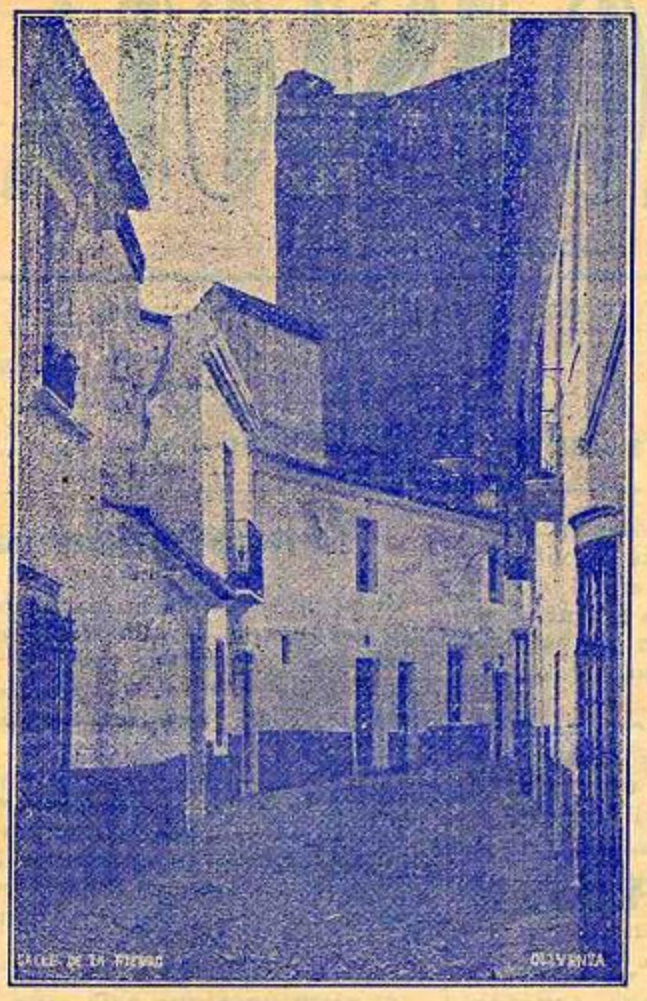
Saüdades! Sim... talvez... e porque não?...
Se o nosso sonho foi tão alto e forte
Que bem penara vê-los até à morte
Deslumbrar-me de luz o coração!

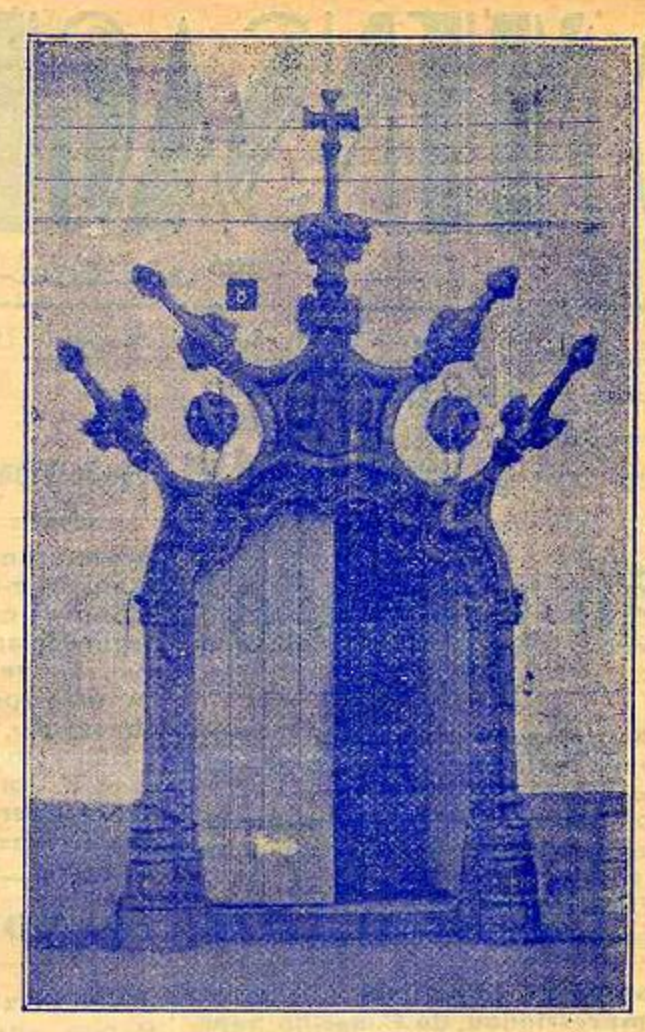
Esquecer! Para quê?... Ah, como é vão!
Que tudo isso, Amor, nos não importa.
Se êle deixou beleza que conforte
Deve-nos ser sagrado como o pão!

Quantas vezes, Amor, já te esqueci,
Para mais doidamente me lembrar,
Mais doidamente me lembrar de ti!

E quem dera que fôsse sempre assim:
Quanto menos quizesse recordar
Mais a saüdade andasse presa a mim!

Assinar êste jornal é auxiliar a propaganda da educação e da beneficência.

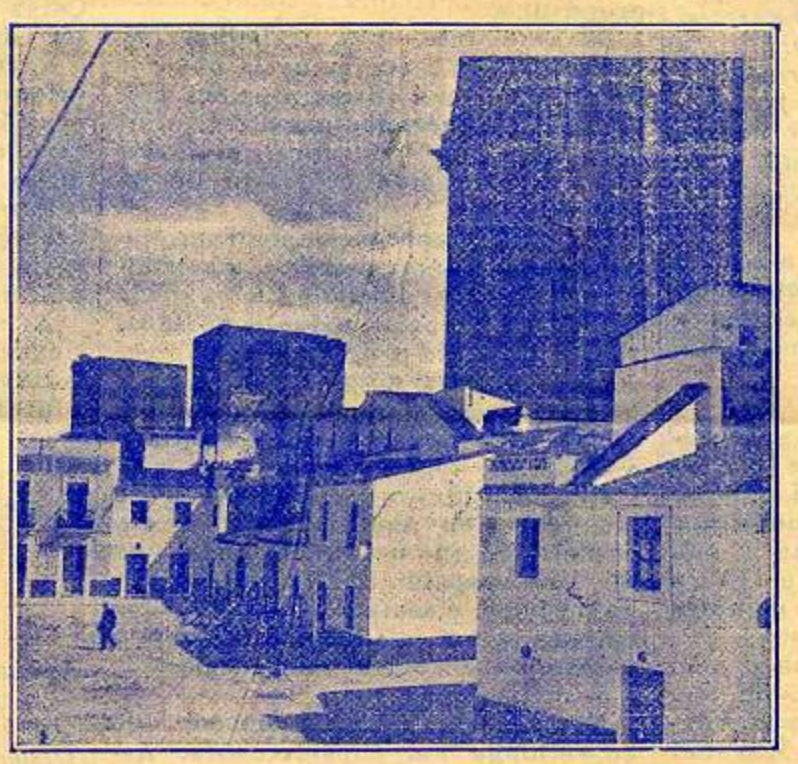




OLIVENÇA—A GLORIOSA

Acompanhada de interessantes fotogravuras, começámos publicando no jornal de Agosto, a valiosa conferência realizada no Grémio Alentejano, pelo nosso distinto amigo sr. Ventura Abrantes.

A Continuação da publicação dêste jornal, é esperada com avidez, atendendo ao interêsse



que despertou, vemo-nos porém forçados a publicar néste número só algumas fotogravuras, em virtude do original ter ficado fechado na redacção do jornal.

Durante Agosto e Setembro, a redacção provisória do jornal, foi estabelecida na Ericeira.

Caixa Escolar

Até ao provimento temporário ou provisório, da vaga deixada pelo professor Oliveira Charrua, todo o arquivo da Caixa Escolar de Azaruja, (livros e documentos) ficará na posse do senhor professor aposentado Félix de Carvalho Marquez, secretário daquele organismo. Já por mais duma vez temos feito justas referências, ao caracter, à lealdade, à honradez dêste distinto colega. E hoje, apraz-nos pô-los novamente em foco.

Que boa seria a humanidade, se a humanidade possuísse as qualidades do senhor professor Félix Marquez!

Este numero foi visado pela Comissão de Censura de E'vora.

Cadernos de Aritmética

Contendo numerosos exercícios e problemas, para a 2.ª, 3.ª e 4.ª classes, recomendam-se as da autoria do prof. J. V. de Oliveira Charrua.

Exposição metódica, compreendendo todo o programa oficial.

Depósito:

Livraria e Papelaria Nazaré

E'VORA

PÁGINA LITERÁRIA

Uma página de album

Entardecer.

Hora diliciosamente poética, deliciosamente enternecedora; hora de vibrações intimas, de sentimentos inefáveis.

Olga, a rapariga das ternuras e da sentimentalidade, como que debruçada sôbre uma imagem longínqua, pensa, recorda, cisma...

Vão para longe, muito longe os seus sentimentos. Toda a sua alma, pomba branca e amorosa, voa para aquela imagem, que é a razão forte da sua existência, a única razão talvez da sua existência.

Nos seus olhos, olhos de sonho, brilha uma lágrima—a lágrima da saüdade.

Nos seus lábios, lábios bem desenhados, perde-se um sorriso—um sorriso de ternura

No seu perfil, perfil de lírio, há o encanto dum verso—um verso lendario.

Olga é pétala de saüdade, é a personificação da saüdade.

Olga é tristesa, é sonho, é ternura, é amor, é sentimento.

Na sua voz há musicalidade, há filtros de magia, há seduções inevitáveis.

Mas uma voz mais intima, a voz da sua alma, murmuraria naquela hora deliciosa e poética, lindas orações de amor!

Revia as suas frases, as suas promessas, os seus juramentos. Juramentos sacratissimos, proferidos voluntáriamente, á maneira portuguêsa, à maneira de Sóror Mariana. E as suas frases da sua dedicação, passavam lentamente, pela écran da sua alma; achava-os insuficientes como definição da sua grande ternura:

...Sou tua, bem tua, toda tua; só tua ou da terra.

Sem ti, a vida é um deserto.

Em tôrno de mim tudo me fala de ti; vejo o teu espírito em tôda a parte.

Por ti, faria todos os sacrificios, daria a minha vida.

Juro-te (sob forma soleníssima) *que nunca mais danso, que não me banalizo, que só viverei para ti.*

E todas as frases que Olga tinha escrito, passavam-lhe novamente pelo coração, entrecortadas com as que recebera.

Olga estava acordada, não sonhava—alimentava o espírito, alimentava o amor...

Da «Iniciação Literária»

Camilo Castelo Branco

O nome de Camilo impõe-se como um dos mais gloriosos e infatigáveis trabalhadores de tôda a nossa literatura.

Camilo cultivou a poesia, o romance, o conto, o drama, a história, a polémica, a crítica, fez numerosas traduções, compoz biografias, escreveu 262 obras; criou dezenas de tipos diferentes a quem insuflou uma vida imorredoura, refundiu a linguagem tornando-a tão variada, tão rica, tão apropriada ao esfôrço do seu génio que ela é um constante encanto em tôdas as páginas que escreveu.

Como polumista Camilo foi verdadeiramente único e incomparável senhoreando-se do adversário com a facilidade de um titam, ridicularizando-o com a causticidade da sua sátira, esmagando-o sempre; como romancista foi o maior do seu século em Portugal, sugestionando como nenhum outro o leitor, fazendo-o rir ou chorar ou extasiar-se; como crítico deixou nos Serões de S. Miguel de Seide e na Bohémia do espírito as mais brilhantes talvês de tôdas as suas páginas; em todos os géneros que cultivou foi tão variado, tão viso, tão complexo, tão magistral e profundo, que é completamente impossível apreciar num resumo tôda a sua obra.

ANTÓNIO BÔTO

CANÇÕES

Já na minha alma se afagam
As alegrias que eu tive;
Só quem ama tem tristezas,
Mas quem não ama não vive...

Andam pétalas e fôlhas
Bailando no ar sombrio;
E as lágrimas dos meus olhos,
Vão correndo ao desafio.

Em tudo vejo saüdades!
A terra parece morta.
—O' vento que tudo levas,
Não venhas à minha porta!

E as minhas rosas vermelhas,
As rosas, no meu jardim,
Parecem, assim caldas,
Restos de um grande festim!

Meu coração desgraçado
Bebe ainda mais licôr!
—Que importa morrer amando...
Que importa morrer d'amor?...

E vem ouvir, bem-amado,
Jóvem que eu nunca mais vi:
—Morro, mas levo comigo
Alguma coisa de ti.

Olhando o passado...

Recordações! Pétalas de saüdades, dispersas, desse jardim quimerico do Passado.

Há momentos cuja lembrança o tempo não gasta, e, que revivem, presos á saudade, na nossa imaginação incessante.

Foi essa atracção que, irrestivelmente, nos leva ao passado que me fez recordar uma tarde que já vai distante.

Era ao declinar dum dia de Maio, tépido e melancólico. O sol beijava, numa emanação subtil, a sua dulcinea—a Natureza.

Junto ao banco em que nos sentaramos, balouçavam-se nas suas hastes débeis, duas rosas brancas, muito brancas.

De súbito, uma delas, desfaz-se a uma agitação mais forte do vento que lhe dispersa, para longe, as suas pétalas brancas, muito brancas, pouco antes, tão cheias de vida.

E, a outra lá ficara, só, a balouçar-se na sua haste, a esperar, talvez, o mesmo fim da sua companheira.

Era alegre a minha amiga, duma alegria sã e inexgotável. Mas, nessa tarde, notei que lhe fugia a sua alegria habitual. Nunca a vira triste.

Eram tão meigos os seus olhos azuis, dum azul profundo!

Para que me fitavam, assim tão cheios de melancolia?

Impressionada, tentei afastar-lhe a mágoa profunda que lia nos seus olhos — onde nunca vira uma lágrima,—mágoa cuja causa para mim era inexplicável.

E, a sorrir, então, conseguiu pronunciar, com os olhos fitos nas petalas mortas daquela rosa branca, estas palavras que eram todo um pressentimento, de tristeza infinita: «será assim, tão efémera, a minha vida».

.....

Não pude deixar de notar tão extraordinária coincidência, quando, no ano seguinte, ao declinar duma tarde de Maio, tépida e melancólica, e, em que o vento levava para longe, as pétalas das rosas, o Destino cruel e traiçoeiro, marcava, enexorável, o fim da sua existência, até então, sorridente e feliz.

E a sua vida foi tão efémera como a da rosa branca, muito branca, que vira agonisar.

Não mais pude esquecer aquela tarde que tanto emocionou a minha imaginação de criança. Como tantas tardes não fossem já passadas!

Recordações! Pétalas de saudades, dispersas, desse jardim quimérico do Passado!

20—7—933.

MARIA ROSA DA S. C.

ADÃO DE FIGUEIREDO

SÚPLICA

I

Não fiques triste. Irei partir,
embora.
Mas voltarei depois de
breve ausência.
Dois meses só. E' dôce a
florescência.
Duma saüdade triste e
alentadora.

II

Resignação. Não chores.
Não se chora.
Quando há no amor
o choma a veemência.
Dum sonho que se afaga
a cada hora.

III

Criança!... Então?...
Não vês que estou
contente?...
«Longe da vista»... o resto
já se sente.
Ante o desejo duma idea
querida.

IV

Depois, assim, saber-nos-ha
melhor,
Quando eu voltar—o
cântico do amor,
Divina essência de tôda
esta vida!...

Civilização da Antiga Lusitania

A lenda da influencia Fenicia

Origem e significação dos nomes Castro Marim, Mertola, Monforte, Castro Verde, Castelo Branco, Borba, etc.

No despretencioso estudo que vai ler-se referir-nos emos frequentemente aos celtas e à lingua celtica.

Por isso mesmo convem explicar desde já que, de acordo com o eminente e lucido espirito, que foi Martins Sarmento, um dos primeiros que trataram de estabelecer uma certa ordem no cáos das noções correntes acêrca dos celtas e da sua civilização, quando falarmos de povos e linguas celticas não pretendemos aludir aos celtas belgo-germanicos.

Onde escrevemos povos e idioma celticos, deve entender-se que nos referimos a gentes e civilizações anteriores ao seculo VII da era que precedeu a era cristã.

Martins Sarmento afirma em «Os Argonautas», pags. 285 e ss., que a lingua e civilização celticas eram ligures.

Outros sabios defendem a mesma opinião.

Hoje parece fora de duvida que os celtas que dominaram a Europa a partir do seculo VII antes de Cristo foram os herdeiros e não os criadores da civilização que tiveram, e que as suas religiões, costumes, etc, foram recebidos de povos que viviam em regiões mais adiantadas dos que as de entre o Reno e Escalda donde eles procediam.

Coisa semelhante se passou alguns seculos depois com a civilização, aliás notabilissima, dos Romanos, devida na sua maior parte ao genio dos Gregos e doutros povos da Europa e da Asia.

Tudo isto quere dizer que antes do predominio dos celtas belgo-germanicos já existia uma lingua, uma civilização donde aqueles celtas hauriram o melhor do pouco que nos resta da sua.

A simples intuição indica sem esforço a qualquer de nós que existindo o homem na Terra ha mais de quatrocentos mil anos, os povos da Europa mediterranea e ocidental, ajudados por um clima favoravel, não estiveram à espera do seculo VII para aprender com os celtas o que eles tinham menos do que quaisquer outros, isto é, um idioma desenvolvido, uma etica, religiões, industrias, artes, etc.

Frisemos pois que, para nós, lingua e civilização celticas, quer as consideremos ligures, quer atlante-ibericas, são anteriores aos celtas do seculo VII e seguintes.

—=—

Nas linguas celticas, no hibernico ou antigo irlandês e no gaulês, por exemplo, existem os adjectivos ***magalos*** e ***mâros***, significando «grande».

Ambos foram dsenvolvidamente estudados pelo sapiente H. D'Arbois de Jubainville nos seus «Etudes grammaticales sur la langue celtique», pags. 2 e ss., e ambos tem um equivalente no velho irlandês ***mâl***, que significa «alto», tudo que é moral ou materialmente elevado.

Os adjectivos ***magalos*** e ***mâro-s*** sofreram numerosas alterações de forma através dos seculos.

Assim, «magalos» foi sucessivamente ***magilos, maglus, mael, mel***, etc., e «mâro-s» deu ***marus, mâra, mari, mor, moir, mur, muer***, etc.

Todas estas formas diferentes das mesmas palavras conservaram mais ou menos fielmente o seu sentido original de «grande».

Vamos agora ver como estes ajestivos são frequentes, com formas aproximadas, no onomastico lusitano.

E depois de havermos examinado isso mesmo teremos mais uma poderosa razão para lembrar que a lingua celtica antes de ser celtica foi ligure ou melhor lusibero ligurica, dado que os nomes a que vamos reportar-nos devem ser muito anteriores, na Lusitania, à vinda dos celtas para a Peninsula Iberica.

—=—

Já aludidos em artigo publicado no «Magazine Bertrand», de Lisboa, do mês de Julho ultimo, ao nome da Serra de Monte Muro, na Beira Alta. Esse nome, quanto a nós, significa «Serra do Monte (ou castro) Grande». Teria essa designação ou por existir na propria serra uma grande fortaleza ou pela proximidade do altaneiro castelo de Castro d'Aire.

Passemos agora em revista outros nomes lusitanos que, de momento, nos ocorrem.

Um dos mais interessantes é o da Vila de Mertola, sobre o rio Guadiana, povoação que se chamava *Myrtilis Julia* no tempo dos romanos, e, mais tarde, durante a dominação arabe, foi designada por *Myrtolah*.

Diz-se e escreve-se que o nome de Mertola é fenicio e significa Nova Tyro.

Não o crêmos. Nem a configuração nem a posição da maritima cidade fenicia de Tyro, edificada num ilheu junto à costa norte da Palestina, explicam a aplicação de tal nome à vila de Mertola, povoação interior da antiga Turdetania pre-romana ou celtiberica, que era a região compreendida entre Tejo e Guadiana em Portugal e Espanha.

Os Fenicios, se alguma vez visitaram a Lusitania, não devem ter aqui exercido qualquer influencia, como não exercem influencia apreciavel na vida do Portugal actual os marinheiros dos navios comerciais que incessantemente demandam os nossos portos maritimos

E' fora de duvida que os Lusibericos não aguardaram a vinda dos Fenicios para construirem as suas fortalezas, nem para explorarem as suas minas, nem para comporem as suas leis em verso, nem para trabalharem as suas terras uberrimas.

Não está sequer provado, e cada vez se duvida mais, que tivessem sido os Fenicios os fundadores de Cadiz pelo seculo XII antes de Cristo. Por esse tempo estavam os Fenicios, minusculo e brando povo de pescadores do ocidente asiatico, sob o pesado jugo dos Faraós do Egipto.

A marinhá fenicia começou a formar-se pelo seculo X e só pelo ano 800 antes de Cristo os mesmos Fenicios fundaram a sua colonia de Cartago na Africa do Norte, menos distante, aliás, do que a longinqua Iberia.

O facto de terem aparecido na Peninsula objectos de marfim artisticamente trabalhados não prova que eles houvesse sido trzidos para cá pelos Fenicios, mas sim que existirem elefantes na Iberia prehistorica, exactamente como existiram na Italia prehistorica, consoante ainda ha poucos meses ficou demonstrado pela Arqueologia.

O nome da vila de Mertola é tão pouco fenicio como alguns outros raros nomes de povoações portuguesas tambem erradamente considerados fenicios.

Os antigos Lusitanos já sabiam falar, construir casas e dar nomes às suas terras antes, muito antes dos Fenicios terem surgido na Historia

Em nossa opinião a vila de Mertola não tem nome fenicio, nem foi construida pelos Fenicios.

E' terra genuinamente lusitana. O seu nome é ibero-celtico ou ligure, e, sendo ligure, alem de não ser obviamente fenicio, é anterior aos Fenicios.

Nós vemos na palavra Mertola os dois termos lusibero-celticos ***Mir*** ou ***Mer*** igual ao ***mâro, moir, mel, mur*** celtico e talvez ao «*mihi*» eslavo, com a significação de «grande», e ***Tol-a***, com a significação de «povo do monte ou castro».

Supomos que ninguem antes de nós se havia lembrado de estudar esta notavel raiz lusitana ***tol***, que por vezes, no país e fora dele, aparece com as formas ***tal, tar, tul***, etc., e que significa como dissemos «povoado do monte» ou coisa assim como ***castro***.

Consideramos o segundo termo ***tol*** com a desinencia ***a***, da palavra Mertola, proximo parente do hibernico ***dâl***, «divisão», grupo etnico, no sentido genealogico de «descendentes», e do tambem hibernico «tulach», que significa «colina».

O ***Tol*** lusitanico envolve pois a ideia de monte e, por extensão, a de vila ou povo do monte ou seja de castro, recinto fortificado numa altura

O mesmo sentido de elevação, ou eminencia, ou vertice, se encontra ainda hoje no adjectivo britanico «tall», alto, que se pronuncia ***tôl***, e no plebeismo português ***tôla***, cabeça.

Desta raiz lusitana ***tol*** e não do latim ***stolidus*** virá o termo pejorativo ***tôlo***, que originariamente deveria ter sentido muito diferente e significaria apenas «homem do monte, aldeão, camponio».

Dando então á raiz lusitana ***tol*** o significado de monte e de povoado numa altura, fortificada ou não—ainda hoje no Alentejo se chama «monte» a um grupo de casas construidas por via de regra num cabeço—imediatamente se compreenderá a significação exacta do nome Mertola, que vem a ser a de «Vila ou castro grande», ou ainda: «terra, povo do monte».

—=—

Significação identica á do nome da vila de Mertola terá o de Castro Marim, desde que demos ao termo luso-celtico ***Marim*** o sentido de «grande» do adjectivo ***mâro*** ou ***mâri*** existente no gaulês

Não deve surpreender que os antigos Lusitanos dessem nomes identicos a coisas iguais, visto que tanto Castro Marim como Mertola possuiram e possuem de facto grandes fortalezas, foram primitivamente grandes castros ou vilas fortificadas.

Fenomeno analogo se verificaria com o nome da povoação lusitana pre-romana *Talabriga*, que não se sabe onde fosse mas cuja denominação significa, a nosso ver, o mesmo que *Monforte*, porquanto se traduzirmos o termo *tala*, segundo a nossa teoria, por povoado ou monte, e o termo celtico *briga* pelo sentido que realmente tem de «fortaleza, altura fortificada», veremos que *Talabriga* quere dizer coisa assim como «fortaleza do monte» ou seja o mesmo que Monforte.

Descobrimos tambem nomes com sentido equivalente entre si na pre-romana *Arcôbriga*, cuja localização se ignora, e na actual Castro d'Aire.

Já estudámos esses dois nomes, neste jornal e no «magazine» acima citado.

Alem destas duas terras uma outra existe com o mesmo significado que elas tem de «povoado livre ou vila franca do monte»: a cidade de Castelo Branco.

Este ultimo nome foi no tempo dos Romanos «Castra Leuca». Os Romanos ao encontrar em uma povoação na Beira Baixa com o nome de Arcôbriga ou outro analogo, viram no termo *argo* um vocabulo grego, com a significação de «branco, luminoso» e converteram o lusitano *argo* (equivalente a *Aire*) em *leuca*, visto que, no grego, ha um vocabulo «leukos» que significa, tambem, «branco».

Mais tarde, pelo seculo XII, foi a vila doada por D. Afonso II aos cruzados Templarios. Por essa época a cidade de Castelo Branco não tinha tal nome e chamava-se em lidima tradução portuguesa do antigo nome lusitano Arcôbriga: *Vila Franca da Cardosa*.

Os Templarios, homens de guerra e tambem de estudo, toparam em qualquer parte com o antigo nome romano de Castra Leuca e trataram de o traduzir (posto que como vimos, «leukos» em grego quere dizer «branco») para Castelo Branco.

Mas os Templarios, como já sucedera aos Romanos, erraram a tradução do nome Arco ou Argo, que significava ali, em terra da Beira Baixa, *vi a franca* e não «branco», visto que a gente da Beira Baixa nunca falou grego.

O acerto desta nossa interpretação é demonstrado flagrantemente pelo nome que a povoação tinha nos principios da nacionalidade, antes de ser doada aos Templarios. Esse nome era, como acima dissemos, o de Vila Franca da Cardosa, tradução correctissima e fiel de «Arcobriga» ou Castro d'Aire.

Compreende-se, portanto, que os antigos Lusitanos davam nomes genericos, isto é, identicos a lugares diferentes, o que é tanto mais explicavel quanto é certo que se tratava por via de regra de aldeias ou vilas fortificadas, ou seja, com a mesma qualidade de fortalezas.

—=—

Outros exemplos de povoações pre-romanas com nomes que se equivalem, vemo-los nós, por exemplo, em *Toulou, Turim, Toulx, Tolosa* e *Toledo* e em *Castro Verde* e *Talavera*.

Em nossa opinião os termos *Verde* e *Vera* tem proximo parentesco com o sânscrito *varta*, que significa «terra», «região».

Como se sabe o sânscrito (antigo idiano) é uma lingua derivada, como a maior parte das linguas da Europa, do tronco comum ariano ou indo-europeu. Dai as relações estreitas entre muitos vocabulos Persas, Indus e Europeus.

O sânscrito *varta*, terra, deu provavelmente entre os arianos lusibericos os termos *verde, vera* e semelhantes aplicados a regiões ou lugares.

Se a nossa hipotese é exacta, como crêmos, o nome português Castro Verde significará, como o espanhol Talavera, «lugar ou vila do castro, ou do monte fortificado».

Antes de terminar este artigo, mero resumo de assuntos que merecem bem mais largo estudo, queremos referir-nos ao nome *Pedras Muares* dado pelo povo da antiquissima Borba a uns enormes blocos de pedra existentes nas cercanias daquela

vila. Nós supomos que o termo *muares* não é ali senão o adjectivo celtico *mâros* acima estudado, e, por conseguinte, o nome Pedras Muares significa Pedras Grandes.

Já que falamos de Borba, a vetusta vila a que este mensario dedicou algumas paginas do seu ultimo numero, diremos que o seu nome é efectivamente pre-romano, isto é, luso-celtico ou ligurico.

A palavra Borba tem evidente parentesco com o ligurico *Bormo* ou *Borvo*. Sobre este vocabulo ligurico *Borvo* consulte-se a obra «Religiões da Lusitania», do prof. Leite de Vasconcelos, vol. II, pags. 272 e ss., em estudo relativo ao deus lusitano Bormanico.

O sentido da palavra *Borvo* (que nos parece equivaler a Borba) é pouco mais ou menos o de *termas*, nascentes de aguas. Compare-se com Borbolegão, celebre nascente perto de Grandola.

Ignoramos se existem aguas com qualidades terapeuticas em Borba, mas o seu nome quasi o deixa afirmar.

Portanto, da sua riqueza em nascentes, em boas aguas, teria vindo o nome á vila de Borba, que significa exactamente: Vila, terra «das termas» ou terra «das nascentes ou das aguas».

E sendo o nome claramente luso-celtico pode afirmar-se que Borba já existia, pelo menos, no seculo VII antes de Cristo.

A interpretação que apresentamos do nome de Borba é talvez menos pitoresca do que a da lenda do *barbo* que apareceu na fonte do seu castelo, registada na heraldica e nos livros, mas é com certeza muito mais racional e mais cientifica.

Que se nos perdoe se erramos. Não somos nem pretendemos passar por sabio e, como modesto estudioso, admitimos todas as possibilidades e mais uma de errar.

Aqui, como em tudo, o errar seria profundamente lastimavel, mas é profundamente humano.

Horácio Ferreira Alves

Um aluno exemplar

A directoria do colégio Fialho de Almeida, (Lisboa) no desejo de prestigiar o bom nome do referido estabelecimento de ensino, trouxe a público no *Diario de Noticias*, a informação de que o aluno Manuel Valentim F. Teles, em dois anos de estudo, tendo apenas instrução primária, concluira o 5.º ano do Liceu.

O facto é deveras digno de registo, e põe em destaque o valor do colégio e as qualidades do aluno. Mas, a outra circunstância devemos atender, e a ela devia também fazer referência, a directoria do colégio Fialho de Almeida: referimo-nos à magnifica preparação que o aluno Teles apresentava, no seu curso de instrução primária. Foi aluno da escola oficial de Azaruja e fez exame do 2.º grau em E'vora.

E tanto êle como os restantes candidatos apresentados pela mesma escola, mereceram uma referência especial no relatório do presidente do Júri. Todos êles estavam seguros, bem seguros do programa, preparados para a vida, ou aptos a entrar no ensino secundário. E só com bases assim, seria possivel o êxito alcançado no 5.º ano pelo aluno Teles, o qual, tem sem dúvida qualidades para triunfar: é inteligente, é bom, é estudioso, é grato. Aí pela Páscoa, sabendo da nossa estada em Lisboa e querendo falar-nos, teve a paciência de esperar por nós mais de duas horas. Vulgarmente, um dia depois, esquecem-se os beneficios recebidos, esquecem-se os trabalhos que o professor realizou, esquece-se tudo. A conformação moral do aluno Teles, há de facilitar-lhe o triunfo.

Nós e o jornal, congratulamo-nos com os seus êxitos e conservamos intacta a amizade do tempo em que êle foi aluno na escola de Azaruja.

No exame de instrução primária não obteve distinção, entretanto, êle não estava nem melhor nem pior habilitado do que os seus companheiros que a obtiveram. E' que as distinções estão muito longe da infabilidade... Diversos factores podem influir. Alunos que ficaram distintos aqui, teriam ficado aprovados além; alunos que ficaram aprovados além, teriam ficado reprovados aqui. Isto não contando com a disposição de momento que o aluno possa apresentar.

Repetimos: sem a preparação primária que o aluno Teles levou de Azaruja, não seria possivel, não seria possivel habilitar-se em dois anos para o 5.º ano.

O desejo de evidenciar a verdade e de prestar homenagem a um antigo aluno de Azaruja, levou-nos á publicação desta noticia.

Sala de Estudo
(Em organização)

Director: J. V. de Oliveira Charrua, com diploma do ensino primário particular registado na Inspecção distrital, e diploma do ensino secundário, registado no Liceu de E'vora.

De harmonia com o Estatuto do Ensino Particular, está em organização uma sala de estudo para o ensino primário, secundário e disciplinas que constituem o programa do exame de Admissão às Escolas do Magistério Primário, em E'vora.

Tese sobre Instrução

A tese sôbre instrução e beneficência infantil que o director dêste jornal apresentou no Congresso da Imprensa Alentejana, vai aparecer brevemente em circulação.

O Grémio Alentejano, tomou a seu cargo as despezas da edição, como já noticiámos.

Grémio Alentejano

Os alentejanos que se prezam e que não pertencem ainda ao Grémio Alentejano, devem solicitar imediatamente a sua inscrição.

O Grémio é a melhor sociedade de Lisboa e representa condignamente a província; zelando os seus interesses e fomentando o seu progresso, a direcção do Grémio merece bem o auxilio de todos nós.

A sede do Grémio é no antigo palácio Monumental, Rua Eugénio dos Santos N.º 58—Lisboa.

Considerações a propósito duma carta

Uma colega nossa manifestou-nos em carta o seu aborrecimento, e a sua tristeza, porque concluídos os exames do 2.º grau, nem a família dos alunos, nem os próprios alunos, apareceram a dizer-lhe um simples «obrigado».

E frisa: *O nosso trabalho, as nossas horas suplementares, o sacrifício da nossa saúde, tudo esquecem; o povo é muito ingrato.*

Tem razão a senhora professora. A ingratidão humana, é moeda muito corrente; a humanidade é tal qual a víbora da fábula de Lafontaine.

A concepção popular, acêrca do ensino primário (á parte raras excepções), é muito acanhada, muito infeliz. O Estado paga, logo o professor pode deitar os bofes pela boca, pode triplicar as horas do seu trabalho, pode tuberculizar-se, que o público acha isso muito natural e até necessário.

Todas as pessoas conhecem o dilema: se o rapaz fez exame é porque é inteligente, se não consegue ir a exame, nem passar de classe, é porque o professor foi negligente.

Ossos do ofício...

Só o ensino primário tem horas suplementares perfeitamente gratuitas, mas aqueles que beneficiam dessas horas, não agradecem a boa vontade do professor. E o defeito é quási geral.

Outros desabafos se poderiam juntar aos desabafos da senhora professora que nos escreveu.

Até aqui, em Azaruja, se notaram factos idênticos...

O esfôrço, as horas de trabalho além das obrigatórias, os ensinamentos morais, não mereceram a atenção dum «muito obrigado».

Esta é a maneira geral de toda a gente proceder; lá se destaca uma ou outra excepção, para melhor confirmar a regra...

O professor, mais do que qualquer outro profissional, precisa revestir-se de muita estòicidade, e esta qualidade vem quási sempre, depois de alguns anos de serviço.

Aqui tem, senhora colega, as considerações que nos despertou a sua carta.

FÉRIAS

Em virtude de nos encontrarmos em férias, êste número publica se apenas com oito páginas, pelo que pedimos desculpa aos nossos estimados leitores.

Durante as férias, deixa o nosso jornal de estar em contacto com os alunos das escolas primárias, por isso, êle apresenta neste mês uma feição mais literária do que pedagógica.

Ensino Primário

Exercícios de aritmética e Problemas

Consultem os cadernos para a 2.ª, 3.ª e 4.ª classes, da autoria do prof. J. V. de Oliveira Charrua.

Contêm numerosos exercícios e problemas e levam o aluno a realizar uma boa ginástica da inteligência.

Depósito na LIVRARIA NAZARÉ — E'vora.

RAMACIARACA

Defendamos a saúde

Respiração purificadora

Os Yoghi conhecem uma forma favorita de respirar, que põem em prática, quando sentem necessidade de ventilar e limpar os pulmões. Muitos dos seus exercicios terminam por esta respiração e, como prometemos, apresentamos, êsse método. Esta respiração purificadora ventila e limpa os pulmões, estimúla as células, tonifica os órgãos respiratórios e contribui para manter um bom estado geral de saúde, retrescando o organismo por completo.

Oradores, cantores, etc; encontrarão esta respiração de grande valor, para o repouso dos seus órgãos respiratórios fatigados.

1.º—Inalar uma respiração completa. 2.º—Reter o ar durante alguns segundos. 3.º—Colocar os lábios em attude de analizar, mas sem empolar as faces, e exalar com vagar, atraves da abertura dêles, um pouco de ar. Demorar ainda um momento o ar armazenado e depois exalá-lo, a pouco e pouco, até o exgotar. E' preciso fixar isto bem: deve empregar-se muita energia, ao exalar o ar. Notar se-á que esta respiração é muito reparadora, quando nos sentimos fatigados e abatidos pelo cansaço, e uma experiência convencerá o estudioso da sua eficácia.

Respiração vitalizadora dos nervos

Este exercício é apreciadissimo pelos Yoghi que o consideram como um dos melhores conhecidos pelos homens e o empregam, para estimular e revigorizar, os nervos.

O seu fim é tonifiar o sistema nervoso e desenvolver a fôrça, a energia e a vitalidade. Este exercício estimula os centros nervosos importantes que, por seu turno, influem no sistema nervoso, dando-lhe energia e distribuindo maior fôrça de fluido nervoso a tôdas as partes do corpo.

1.º—Pôr de pé; o corpo erecto. 2.º—Inalar e reter uma respiração completa. 3.º—Estender os braços para a frente, um pouco frouxos, apenas com a fôrça precisa para conservá-los nessa posição.

4.º—Aproximar lentamente as mãos dos ombros, contraindo gradualmente os músculos, de modo que, quando os punhos chegarem aos ombros, estejam tão cerrados, como se pretendesse fazer um movimento de tremura. 5.º—Conesrvando os músculos contraidos, fazer regressar lentamente os punhos à posição anterior e mantendo o estado de tensão, repetir os movimentos várias vezes. 6.º Exalar vigorosamente pela bôca. 7.º—Praticar a respiração purificadora.

A eficacia deste exercicio depende principalmente da rapidez em contraír os punhos, da tensão dos músculos e, naturalmente inalação completa.

Para avaliar êste exercício deve experimentar-se.

E' um revigorizador sem igual.

UMA CARTA

Santa Vitoria 23 Agosto 1933

Ill.mo Sr.

Tenho em meu poder um jornal que me foi ofertado e que acabo de ler.

Sou um modesto operário, e sem grandes habilitações literárias, no entanto, amo a instrução, e, admiro aqueles que sacrificando-se, sabem, escolher posições para se imporem à massa inculta, no desejo supremo, de impelir a sociedade para a perfeição, não a golpes de chicote, mas, sim a golpes de raciocinio.

Êsse jornal é o «O Mensageiro Escolar»; nada melhor do que semear a instrução entre os futuros homens de amanhã.

Conte pois comigo Sr. Director, para a propaganda do v/ jornalzinho.

Junto envio o nome de dois assinantes para que lhe seja enviado regularmente o «Mensageiro Escolar», e para mais interesse despertar envio também uma prova de redacção, que V. Ex.ª fará o favor de publicar, é muito possivel que em breve envie mais nomes.

O pagamento das assinaturas será feito comforme V. Ex.ª o determinar.

Sem outro assumpto

Sou de V. etc.

MANUEL JACINTO COLAÇO JUNIOR

Moagem

Santa Vitoria

N. da R.

Um novo cooperador vem engrossar o número dos amigos do nosso jornal.

Desvanecem-nos essas provas de amizade, que nos levam a prosseguir na obra encetada a favor da educação, da instrução e da beneficência.

Agencia Magno

— DE —

A. C. Magno & C.ª (Filho)

Sucessor A. MAGNO—Lisboa

1.ª Sucursal — Calçada Mrquez d'Abrantes 113 a 117 Telefone 2 5968

2.ª Sucursal—Rua José Antonio Serrano 26 a 28 Telefone 2 8236

3.ª Sucursal A. Miguel Bombarda 82 Telefone N. 4743

Escritorio central Rua de Santa Marta 192

TRANSPORTES, ARTIGOS FUNEBRES

Séde — 172 — RUA DE SANTA MARTHA — 174

(Toda a correspondência deve ser dirigida ao n.º 192)
Agentes em todo o paiz — Telefone Norte 489

Possuindo um modelar serviço de auto carros funebres, encarrega-se de funerais e trasladações para todos os pontos do pais.
Modicidade de preços.
Serviços por tabelas e orçamentos.

UM CONCURSO ORIGINAL

Com o sugestivo título **O MISTERIO DA BONECA**, começou a publicar «O Senhor Doutor», interessante jornal para crianças, no número que acabamos de receber, uma novela policial, com o sabor das que, no género, fizeram as nossas delicias e em que o detective Sherlock-Holmes chegou a ter fama mundial.

«O Senhor Doutor», jornal bem feito e que já conquistou a popularidade e simpatia de todos os miúdos, vem com esta nove a proporcionar um entretenimento mais, para êste periodo de férias, pondo á prova a argúcia, a perspicácia e a sagacidade dos seus inúmeros leitores.

A pregunta é simples. A resposta constitui alem de uma diversão, a probabilidade de ganharem magnificos prémios que «O Senhor Doutor» distribui pelos concorrentes que melhores provas derem de aptidões policiais.

E' levado da bréca, o nosso brilhante colega miúdo «O Senhor Doutor»...

Explicações

Ensino Primário Comercial—Secundário—Exames de admissão às Escolas Nacionais.

Aplicações dos mais modernos processos pedagógicos, por professor diplomado para o ensino primário e secundário particulares.

Para informações, dirigir a

J. V. de Oliveira Charrua e Papelaria Nazaré

E'VORA

Augusto do Nascimento

Fábrica de cortiça, de aparos e cortiça virgem

Aparas de cortiça prensadas hidraulicamente

Quinta dos Padres— Poço do Bispo

LISBOA

Azarujenses! Assinem e propaguem o nosso jornal e inscrevam-se sócios da Caixa Escolar.

Noticiário Local

Estradas

Quási todos os números do nosso jornal, têm ventilado o importante problema das estradas de Azaruja, e como o assunto carece ainda de resolução, a êle voltamos hoje novamente.

Azaruja—cujo progresso bastante nos tem interessado como nos há-de interessar sempre—precisa de melhores vias de comunicação, dada a sua importância industrial e a sua situação geográfica.

A estrada que liga a vila com a estação de caminho de ferro, tem dois quilómetros em péssimo estado, e a estrada que estabelece comunicação com S. Miguel de Machede não está em melhor situação. Por conseguinte, novamente solicitamos providências em nome dos interesses de Azaruja, a quem de direito.

—✦—

Exames

Concluiram o curso do ensino primário elementar, todos os alunos que freqüentavam a quarta classe do sexo masculino e a quarta classe do sexo femenino das escolas de Azaruja.

Os alunos foram submetidos a exame em E'vora, num Júri de que não faziam parte os professores proponentes—facto que lhes causou muito prazer, porque desejam sempre ver o seu trabalho apreciado por outros. O aluno que está habilitado pode fazer o seu exame em qualquer parte—em qualquer Júri; é esta a nossa opinião fundamentada no ensino e nos exemplos tirados dos exames. Quere-nos parecer, que há até maior garantia de seriedade e de justiça, quando os rapazes são submetidos à apreciação de individuos estranhos. E' pena, que nem sempre os júris possam ser constituidos desta forma.

Sem querer, fomo-nos afastando da natureza desta materia de intuitos absolutamente locais.

Em Azaruja, não eram numerosas as classes de exame, o que é para lastimar, pois tem-se o mesmo trabalho na habilitação de seis ou doze alunos. Dois alunos que o ano passado transitaram da terceira para a quarta, não se matricularam em Outubro, abandonaram a Escola, o que os impossibilitou de realizarem o seu exame do 2.º grau.

Há três anos, e não há dois, que Azaruja apresenta alunos a exame de ensino primário, não contando os candidatos do ensino comercial e lecial.

Nome dos examinandos: José Varela Pastor, Inocêncio Modas, Libânio Neno Rato, Adriano Sureda Tique, Maria Vitória S. Fernandes, Francisca Prates Girbal.

Ensino Comercial: Manuel Cunha Ferrão, Pepe Duque Ferrão, Antonio Francisco Coelho.

Não houve nenhuma reprovação.

—✦—

Feira

No segundo domingo de Setembro, Azaruja vive com a sua feira, um dos dias mais febris do ano.

Grande concorrência de forasteiros, muitos gados, barracas de quinquelherias, de divertimentos, grande exposição de produtos, etc., etc., tudo isso, compõe a feira de Azaruja.

—✦—

Benjamim Lopes

Em Azaruja, realizou-se recentemente o casamento do nosso assinante senhor Benjamim Lopes, individuo dotado de excelente caracter, com a prendada senhora D. Idália Canelas.

Os noivos foram residir para E'vora.

Desejamos-lhe muitas felicidades.

—✦—

António P. Fialho

Encontra-se veraneando em Azaruja, em casa de sua irmã e nossa colaboradora D. Quitéria Fonte Santa, a senhora D. Maria Vitória Fonte S. Fialho, esposa do nosso estimado assinante de E'vora, sr. Antonio P. Fialho. Em sua companhia, encontra-se também a sua galante filhinha, menina Maria Izabel Fonte S. Fialho.

—✦—

Doentes

Depois dum tratamento feito nos Cucos, seguiu para a Curia, a senhora D. Maria Conceição, esposa do nosso particular amigo senhor dr. Júlio Almeida Conceição, distinto clínico de Azaruja.

*

Encontra-se no Gerez, a fim de fazer uso das magnificas águas daquela estação, a senhora D. Conceição F. Oliveira, esposa do nosso estimado assinante e anunciante, sr. Arménio R. Oliveira.

*

Já se encontra em franca convalescença dos seus padecimentos, mademoiselle Teresa Moreira.

*

Encontra-se na Ericeira, entregue aos cuidados da clinica do sr. dr. António Caiado, especializado na Alemanha, a menina Maria Leonor Gomes de Oliveira Charrua.

—✦—

Inácio Ferrão Tique

Esteve em Lisboa durante alguns dias, acompanhado de sua ex.ma esposa e Filha, o nosso estimado assinante e anunciante, senhor Inácio Ferrão Tique, a quem somos muito gratos pela estima e consideração que sempre nos tem dispensado.

—✦—

Casamento

Em Agosto realizou-se o casamento do nosso estimado assinante senhor Joaquim José Espada, com a sr.ª D. Mriana Luisa. Serviram de padrinhos, uma tia da noiva e os srs. Francisco Lopes Marquez e Marcelino Gonçalves de Matos, que também são amigos dedicados do nosso jornal.

Os noivos, a quem desejamos muitas felicidades, fixaram residencia em Azaruja.

—✦—

Aniversários durante o mês

1—D. Cristeta Martinho Tenreiro, e D. Francisca Potes.
2—Sr. Celestino José R. Formosinho, (Evora).
3—Menino Norberto Marcelino Zambujo de Matos.
3—Menino José Neno Rato.
14—D. Maria das Neves Correia (E'vora)
15—Sr. Pedro Modas Calhau.
16—Sr. Carmelino Pastor, (E'vora).
17—D. Elvira Montes Coelho, (Reguengos). D. Quitéria de Jesus Fonte Santa e Sr. Manuel Pires Silveira (E'vora).
19—D. Idalina Correia Arranhado.
24—D. Maria Luisa Neves Vieira.
28—D. Irene Zambujo dos Reis.
29—Sr. Ezequias Piteira Rato.
30—Sr. Profirio Ferrão Tique.

—✦—

Ecos

Dizem:

Que no fôro do nosso amigo S. M. se passaram dois dias regaladas.

—Que os cozinhados estavam de comer e gritar por mais.

—Que houve *iguarias* de antes do tempo...

—Que o espêto trabalhou bastante.

—Que foram dois dias bem passados.

—Que houve pouco consumo de liquidos.

—Que a dormida ao ar livre deu prazer.

—Que o general queria tudo na ordem.

—Que bolos doces nunca amargaram.

—Que as meninas elegantes estão privadas de mostrarem os seus vestidos novos.

—Que o espectáculo tauromáquico, era uma espécie de *rendez-vous* de elegâncias.

—✦—

Ensino Particular

O Estatuto do Ensino Particular, proíbe sob penalidades, o exercicio do ensino com fins lucrativos, a quem não estiver munido do respectivo diploma.

—✦—

Bernardino Coelho

Esteve na Ericeira, passando parte da época balnear, o nosso amigo e assinante, senhor Bernardino Coelho; fazia-se acompanhar de sua esposa e filho, o qual goza de muitas simpatias entre os rapazes freqüentadores da praia.

Pérsio Correia

FABRICANTE DE CORTIÇA

QUADROS E ROLHAS

Marcas registadas:

M. C. & F. e P. C.

Azaruja——————Alentejo

Portugal

Inácio Ferrão Tique

Correspondente de diversos Bancos e casas Bancárias
—AZARUJA—

NOVA ALFAIATARIA

ANTONIO MARIA CURVO
=EVORA=

Participa aos seus Ex.mos Clientes que acaba de receber um lindo sortido de inverno.
Fatos desde 180$00.
Calças de Fantasia desde 55$00.
—Corte esmerado—Bom acabamento—

Alto!!!

No estabelecimento de

Viriato José Zambujo

(AZARUJA)

Encontrareis as melhores qualidades de artigos de mercearia, vinho, vinagre, salsicharia, pão, tabaco da Tabaqueira e da Companhia, tudo por baixos preços.

CENTRO COMERCIAL AZARUJENSE

DE— Armenio R. Oliveira

Mercearia, Louças e Vidros—Azeites, Cereais e Legumes, PADARIA E SALCHICHARIA— AZARUJA

JOIAS

O melhor sortido em joias antigas e modernas.

OURIVESARIA SIMÕES
EVORA
(defronte d Sociedade Mobilis)

Ferreira Filipe, L.da

Fabricantes de Cortiça e Rolhas
Quadros e aparas

—— QUINTA DA MACEDA ——

BARREIRO

COOPERATIVA OPERÁRIA DE CONSUMO AZARUJENSE

Fundada em 22 de Outubro de 1911

Com padaria, salchicharia, fazendas, azeites, miudezas, cereais, louças e vidros etc. etc.
=AZARUJA=

Emilio & Canelas

Fabricantes de Cortiças quadros e rolhas e cortiças em prancha
ALENTEJO=AZARUJA
PORTUGAL

ANTIGA CASA BARATEIRO
—DE—
Antonio França Godinho
82 Rua João de Deus 84—EVORA

Retrozeiro—Modas—Fanqueiro—Confecções.
Depósito de malas em todas as qualidades para roupa e viagem e outros artigos de novidade.

Pepe da Cruz Duque

Fabricante de Cortiça e Quadros
AZARUJA = = PORTUGAL

Raul Rosa Girbal

Fabricante de Cortiça e Quadros
Azaruja = = = = Portugal

R. R. G.

MARCA REGISTADA

—VAGO—

A Pátria

Sociedade Alentejana de Seguros---Seguradora da Associação Central de Agricultura

Capital 500.000$00

Reservas em 1932
Esc. 3.309.830$64

Efectua seguros nos ramos de:

Agricola—Agricola Mixto—Incendio—Maritimo—Cristal—Postal—Furto e Roubo—Automovel—Responsabilidade Civil—Acidentes Individuais—Desastres no Trabalho e Vida
Agencias em todo o Paiz

Delegações em: Lisboa—Rua Augusta 188-1.º; Porto—Avenida dos Aliados 81-1.º; Elvas—Sindicato Agricola; Faro—Avenida da Republica 134; Coimbra—Praça 8 de Maio 21; Covilhã—Rua Antonio Augusto de Aguiar 201
Sede em Evora

Na sua propriedade—

Rua Miguel Bombarda-40

Agente na Azaruja

Felix de Carvalho Marquez